

METODOLOGIA APLICADA AO ENSINO DE GEOGRAFIA: Elaborar e Contar Histórias

Dra. Fátima Maria Soares Kelting

Departamento de Geografia – Universidade Federal do Ceará
doninha@ufc.br

Resumo

Este artigo tem por finalidade divulgar uma metodologia de Ensino em Geografia, que consiste em elaborar histórias de temas geográficos. As narrativas procuram trabalhar a disciplina de maneira interdisciplinar, explorando seus vários campos de conhecimento. Os assuntos são tratados por personagens e em lugares fictícios, levando os leitores a adentrarem na história, identificando, na questão abordada, os problemas e as sugestões para o desfecho do caso. A proposta de contar história geográfica surgiu da dificuldade do aluno de Ensino Fundamental para entender concepções, conceitos e conteúdos desta disciplina que são utilizados no seu cotidiano. A história possibilitará o leitor entender e compreender os fatos de maneira descontraída, criando interesse pelos assuntos e melhorando o processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Metodologia; Lugares Fictícios; Contar Histórias

Abstract

METHODOLOGY APPLIED TO GEOGRAPHY'S TEACHING: Develop and Storytelling

This article aims to disseminate a methodology of teaching in geography, which consists of elaborate stories of geographic themes. The narratives seek to work on an interdisciplinary discipline, exploring the various fields of knowledge. The subjects are treated with fictitious characters and places, leading readers to step into the story, identifying the issue addressed, problems and suggestions for the outcome of the case. The proposed Geographic storytelling comes from the difficulty of primary school students to understand concepts and content of this field that are used in their daily lives. The story allow the reader to understand and comprehend the facts so relaxed, creating interest in the affairs and improving the teaching-learning process.

Keywords: Methodology; Places Fictional; Storytelling

Introdução

A proposta de uma metodologia para tornar agradável e compreensível o ensino de geografia está apoiada na percepção de que todos gostam de escutar história; sempre que alguém relata algo ou alguma coisa prestamos atenção e sempre queremos indagar e saber mais. Com a criação personificada de saberes, a curiosidade se faz presente, pois surgem personagens, situações, problemas, soluções, incertezas, probabilidades, questionamentos, que são inerentes à vida e ao conhecimento científico. O contar história fascina e junto a esse mundo mágico vem o

sempre querer – através da leitura – conhecer e descobrir novas formas de convivência, de cultura, de sociedade, de paisagens, de situações e lugares diferentes ou iguais para cada leitor.

Abramovich (1994) afirma que as histórias infantis têm papel fundamental na formação do indivíduo, desenvolvendo-lhe a criatividade, dando-lhe a capacidade de tornar-se crítico e de tomar decisões. O contar história leva a criança a criar imagens e fantasias, formando um banco de dados mental que lhe ajudará a enfrentar as experiências da vida.

Dentro do processo ensino-aprendizagem busca-se despertar o aluno para a leitura, mas, sobretudo, para o conhecimento que leve o leitor a identificá-lo com o mundo ao seu redor. Como os conhecimentos geográficos estão em tudo que nos rodeia, as histórias farão o leitor observar e perceber o caminhar da natureza e das sociedades.

Bettelheim (2002) comenta que as imagens processadas na criança pelos contos de fadas ajudam-na a criar conexões entre o relato das histórias e suas experiências de vida.

Sendo a geografia considerada difícil de entendimento, o teórico idealizou criar histórias para despertar o interesse e facilitar a compreensão dessa fascinante disciplina, centralizando cada história em um tema, criando personagens em que no desenrolar dos diálogos fossem tratadas questões envolvendo a natureza e a sociedade.

Otte: Kovács (2002) observa que as narrativas lidas ou contadas desperta em quem as lê ou escuta reflexões e expansão do seu modo de pensar e ver a vida.

Foi com esse objetivo que as histórias foram montadas e trabalhadas em Cursos de qualificação de professores de ensino fundamental.

Arquipélago dos Sonhos

I Parte: A Ilha Feldspatos.

Ao passar próximo às colinas que norteiam a cidade de Calcita, sede da Ilha Feldspatos, avistei de longe um castelo. Ao me aproximar, identifiquei um brasão fixado no portão central e que pertenceu à nobre família dos Gatolândias Angorás, que aqui chegaram em meados do século XVIII.

Essa Ilha faz parte do Arquipélago Mineralândia, onde estão as Ilhas de Quartzo, do Manganês, do Cobre, do Estanho, do Alumínio e do Ferro. Nosso Arquipélago está situado um

pouco abaixo do Trópico de Capricórnio. Temos um clima agradável nas quatro estações do ano, o que nos favorece a constante visitação de turistas.

Fiquei curiosa e queria saber detalhes sobre essa família, responsável pela introdução de uma filosofia de vida que respeita a natureza. Procurei averiguar onde residia alguns de seus descendentes, mas logo fiquei sabendo por uma senhora simpática e falante que os últimos descendentes da família Angorá haviam partido da Ilha no final da década de setenta.

Antes de aventurar-me em conhecer o castelo, procurei saber detalhes sobre a família que deixou sua marca em cada quadrante da ilhota, o que despertou minha curiosidade.

Dona Esmeralda Siamês passou a relatar fatos. Segundo os historiadores, os primeiros habitantes da Ilha são os Bichanos Pelos Curtos; mais tarde, chegaram os Siameses, os Pelos Longos, e, por volta do Século XVIII, os Angorás. Estes chegaram de forma dramática à nau Felina que os transportava e que naufragou próximo à costa, e que graças aos deuses toda a família do Barão Oxigênio Angorá sobreviveu. Essa família será responsável por grandes transformações nos usos e costumes dos Calciteses.

Não sabemos nada do passado do Barão, nem o porquê de viajar com toda a sua família e transportar tanto ouro, pedras preciosas, móveis, livros e objetos estranhos, que ele utilizava para observar o mar e as estrelas.

Aqui ninguém entendia o que o Barão Angorá observava, registrava, rabiscava e mapeava, enquanto percorria os quatro cantos desse pequeno pedaço de terra. Mas o que se conta é que, em poucos meses após sua chegada, contratou um pessoal e mandou erguer quatro torres, cada uma direcionada para um dos pontos cardeais. Aquela vermelha se encontra na direção em que o sol nasce, o Leste. A azul na direção em que o sol se põe, o Oeste. A branca determina o Norte, e a amarela demarca a direção Sul.

No centro da Ilha construiu aquele Castelo, onde as torres estão delimitando os pontos colaterais; se você o observar do alto verá que ele tem a forma de um “X”, marcando as posições nordeste, sudeste, sudoeste e noroeste. Segundo o que se conta, essa demarcação tinha duas finalidades: uma era para observar o Mar; a outra, os Astros.

Você deve estar vendo, lá na frente, a Estação meteorológica instalada no início do século XX, que estuda o tempo; aqui na Ilha as influências das marés, dos ventos e das massas de ar provindas do Oceano são constantemente observadas. Os registros são transmitidos para a população e para as embarcações e os navios que passam por nossa costa. Esses dados nos

ajudam a entender o comportamento do tempo em cada estação do ano, e como devemos proceder e conviver com as limitações inerentes a cada período.

Hoje não existe nenhum dos descendentes do Barão morando na Ilha, mas eles deixaram suas marcas, pois as torres e o castelo continuam servindo de ponto de observação do mar e dos astros por todos aqueles que nos visitam.

Estamos no verão e o clarão do sol nos permite observar a Ilha em seus detalhes, suas montanhas ao Norte, onde nascem inúmeros córregos e riachos que vão alimentar o Rio Brillhante, que corre em sentido Leste/Oeste até atingir o Oceano. Nessa estação do ano, chegam à ilha inúmeros turistas, que aqui ficam de dezembro a fevereiro, provenientes do Hemisfério Norte. Lá, nesse período, a estação do ano é o inverno; o frio e a neve os afugentam. Temos, portanto, estações do ano opostas. Aqui eles buscam calor e natureza para desfrutarem as férias.

Ao sul, o relevo é mais suave. Colinas e planícies vão nos dar uma paisagem só aqui encontrada. Extensas áreas verdes protegem os cursos d'água, rios e lagoas. Ao longo, se vê o verde de nossas lavouras e de nossas florestas, que protegem as montanhas e suas nascentes; tudo é muito belo, todos esses conhecimentos nos foram repassados pela família do Barão.

Logo chega o outono; a partir de 21 de março as chuvas se iniciam no verão e se intensificam nesta estação. É nesse período que os agricultores preparam a terra. Os solos ao Norte são férteis. O plantio é efetuado próximo ao sopé das montanhas onde são cultivadas frutas e hortaliças. Procura-se não devastar a vegetação que cobre as Montanhas; sua beleza é a principal fonte de renda das comunidades situadas em sua proximidade.

Uma rede hoteleira foi aí instalada e os turistas que aqui chegam vêm em busca de equilíbrio espiritual. Ao escalar as Montanhas, percorrem as trilhas, saciam sua sede nas fontes límpidas e cristalinas. Há um conagraçamento com os outros seres animados e inanimados que formam este planeta. O roteiro às Montanhas se intensifica principalmente nas noites de lua cheia; acampamentos são montados nos platôs e todos que participam dessa experiência dizem que nunca sentiram tanta paz e harmonia como a que vivenciaram lá no alto.

Ao Sul, as terras são utilizadas no plantio de lavouras nas áreas de pouca declividade; entre uma colina e outra, a vegetação natural é conservada. São redutos dos animais silvestres. A vegetação dessa área, bem como as que cobrem as montanhas, é utilizada como reserva. Delas são retiradas as plantas medicinais e as frutas silvestres. A produção de mel é incentivada por meio da criação de abelhas. Procuramos tirar da natureza o que ela nos doa, sem destruí-la.

Retiramos madeira, mas a cada árvore derrubada outra é plantada; com isso, mantemos nossa reserva e atendemos às nossas necessidades.

Nos vales, procuramos utilizar a várzea, mas aqui produtos químicos não são utilizados, aprendemos a produzir adubo. Todo lixo orgânico é depositado em camadas, intercalando areia ou barro, que é coberto com palhas. Toda matéria orgânica é removida e molhada até se desmanchar e ficar no ponto de ser levada para a lavoura. Com essa prática, nossos solos estão sempre férteis e nos permitem ter mais de uma colheita por ano.

Aprendemos também que, além de cuidar bem do solo, devemos nos preocupar com os tipos de cultivo que vamos produzir. A prática de sempre produzir o mesmo produto empobrece o solo. Temos o cuidado de diversificar o máximo possível e com isso reduzimos a infestação de pragas e compensamos os tipos de minerais por cada um dos vegetais.

Do lixo, aqui não sobra nada. Todo papel, vidro, plástico, alumínio, todos os pneus velhos retornam a ser o que eram antes: fazemos reciclagem. Toda a água servida das residências vai para aquele grande tanque, que passa por tratamento e é direcionada para a lavoura irrigada. Sabemos que em outras cidades essa água volta a ser reutilizada pela população, mas aqui ainda não necessitamos efetuar esse ciclo. Temos água em superfície suficiente e caso nos venha a faltar, nosso lençol de água subterrâneo tem uma reserva considerável.

Em junho começa nosso inverno, e, apesar do recesso escolar, o frio afugenta os turistas. Lá no Hemisfério Norte é verão. Com o frio vêm as geadas, são meses com os dias curtos e as noites longas, que se prolongam até 23 de setembro. Nesse período todo cuidado é pouco com a saúde dos animais, e principalmente das crianças e dos idosos. A bronquite e a pneumonia assolam, aí nos valem os xaropes, lambedores, cozimentos de ervas medicinais; só quando o caso é grave é que recorremos ao hospital. Prevenção e cuidados antecipados reduzem custos e nos trazem melhoria de vida.

Ao chegar a primavera, lá para setembro e até 21 de dezembro, tudo floresce; o verde predomina; as flores desabrocham e os animais saem de suas tocas com seus filhotes, para um novo ciclo de vida. Tudo se alegra.

Aprendemos que devemos proteger a natureza, cultivando plantas que nos fornecem alimento, flores que embelezam nossos olhos. Mas o plantio de novas árvores é o mais importante, pois sem elas nenhum ser vivo terrestre pode sobreviver. Aprendemos que preservar a vegetação próxima às nascentes dos rios e riachos vai nos proporcionar água limpa e saudável.

Assim, melhor qualidade de vida e menos risco de doenças, transmitidas pelo curso d'água. Todos são conscientes do valor de cada recurso da natureza, pois dependemos dela para viver.

Pelo passeio que acabamos de fazer, Sr. Hermes Buldogue, deu para observar que, fora a beleza natural, nossa Ilha não dispõe de recursos minerais que possam ser explorados. Nem há terras suficientes para a instalação de algum tipo diversificado de indústria ou agricultura para exportação. Não temos matéria-prima disponível, nem mão-de-obra com qualificação para atender uma demanda, sem ser a nossa. De maneira que passamos a viver com o que dispomos.

O mar que nos contorna fornece-nos peixe, camarão e ostra, nossa principal fonte de renda. Da terra, tiramos uma produção agrícola suficiente para abastecer nossa população. E do turismo, recursos que são direcionados para transporte, saúde e educação.

Aqui não há analfabetos. O nível de escolarização é o médio, em sua maioria constituída por técnicos. Os profissionais de nível superior são formados na Ilha Marmorita aqui próxima.

Por enquanto, não temos problemas sérios, apenas o corriqueiro do dia a dia. Somos felizes, procuramos sanar nossas dificuldades na comunidade. Pois os problemas que surgem, são levados ao conselho – de que fazem parte representantes de várias faixas etárias da comunidade –, são discutidos, e medidas efetivas são implementadas.

Estamos no verão e você, como os demais turistas que aqui estão, podem desfrutar das dádivas da natureza e da hospitalidade dos Calciteses.

II Parte: Nosso Pequeno Cruzeiro

Nosso Arquipélago forma um Cruzeiro e a Ilha Principal é a Quartzos. Ela foi fundada pelo Duque Hélio Corujão. É o nosso grande centro cultural e filosófico. Ali se podem encontrar grandes bibliotecas, livrarias, museus, teatros, bons restaurantes, casas de espetáculos e todos os serviços que se desejam obter. Lá residem os artistas, intelectuais e, logicamente, as grandes Universidades e Escolas.

A Ilha Cobre se dedicou a instalações industriais. É um grande complexo metalúrgico e siderúrgico, responsável pela fabricação e pelas instalações de máquinas e equipamentos: agrícolas, industriais, automobilísticos, ferroviários, metroviários, náuticos, aeronáuticos e madeireiros. Dispõe de um comércio diversificado e bastante movimentado. O fluxo de entrada e saída de mercadoria e de dinheiro é intenso. A Ilha não dispõe de matéria-prima, importa tudo e o

transforma. No entanto, apesar dessa complexidade industrial, as indústrias foram instaladas em local estratégico, no que se refere à localização. Áreas de planalto, distantes dos cursos de água, com sistema de filtros para conter a poluição do ar e o tratamento e a reciclagem constante das águas servidas, evitando dessa maneira a contaminação dos rios. Essa Ilha foi fundada pelo duque Carbone Condor.

A Ilha Manganês é o centro hospitalar do Arquipélago. Estão ali os melhores hospitais e todas as especialidades médicas que se deseje. O Centro de Pesquisa foi fundado pelo Dr. Hidrogênio Serpentão, que trouxe grandes mestres que possibilitaram a implantação das várias pesquisas que aqui se desenvolvem.

A Ilha Estanho é o nosso celeiro agrícola e pecuário. A produção e a criação de aves e rebanhos bovinos, suínos, equinos e caprinos são acompanhadas pelos agrônomos e pelos técnicos agrícolas. As pesquisas aqui realizadas possibilitaram a introdução de espécies vegetal e animal de boa qualidade e de ótima produtividade. Com isso, permitiu-se aos agricultores ter uma rentabilidade capaz de lhes proporcionar excelente nível de vida. A aptidão natural da Ilha para a agricultura foi estudada pelo agrônomo Argônio Águia, que, quando aqui se estabeleceu, passou a observar a prática agrícola desenvolvida por seus antigos habitantes. A confirmação se deu quando o agrônomo efetuou estudos no solo, na água e no relevo plano da Ilha.

A Ilha Alumínio, por apresentar um relevo muito baixo, com suas extensas planícies de fundo achatado, é utilizada na produção de arroz. Nos alagados florescem vários tipos de cipós, e em suas várzeas uma boa argila é encontrada. Esses dois recursos naturais direcionaram os aluminenses ao artesanato de fibras e cerâmicas, basicamente sua única atividade econômica. Dizem que o pioneiro foi o artesão Neônio Aranhão, que, vendo a grande quantidade de matéria-prima disponível na ilha, passou a ensinar e incentivar a produção e a comercialização das obras produzidas.

A Ilha Ferro é onde se concentra o Centro Administrativo do Arquipélago; lá, nossos dirigentes definem metas para serem adotadas quando necessárias, de maneira que cada Ilha mantém sua aptidão, procurando fazer o melhor para os seus e todos do Arquipélago. Forma-se um circuito em que cada uma das Ilhas representa uma parte do todo, mas só em conjunto forma uma unidade. Há um encadeamento em suas funções, cada Ilha não pode prosperar sem a outra, pois cada uma desenvolve apenas uma parte desse grande complexo. O Centro foi construído pelo arquiteto Ozônio Formigão, que idealizou o formato da cidade, o traçado e o espaçamento

das ruas, os prédios governamentais, residenciais, os serviços e o lazer.

III Parte: Arquipélago da Luz

Ao despedir-me do visitante, caminhei até a praia e resolvi sentar na areia em direção ao Norte, deixando meus pensamentos divagarem.

O nosso Planeta tem muitos mistérios, tudo está para ser percebido, mas cabe a cada ser consciente desvendá-lo. Enquanto o Arquipélago dos sonhos está abaixo do Trópico de Capricórnio, o Arquipélago da Luz, onde residem meus tios maternos, localiza-se entre o Equador e esse Trópico. Lá, o Sol basicamente ilumina o céu durante todo o ano. As estações do ano, na verdade, passam despercebidas, pois apenas dois períodos marcantes são registrados: um seco e um chuvoso. As chuvas são torrenciais, e as florestas são exuberantes, o que favorece o desenvolvimento de uma flora e uma fauna diversificada.

Nos Trópicos, a água do mar é quente, são correntes que viajam pelo Oceano vindo do Equador. Nessa parte da terra os raios do sol caem em maior intensidade, as temperaturas são sempre elevadas. O céu é bastante azul. São paisagens belas, diferentes da nossa, mas indiscutivelmente belas.

Na visita que realizei ao Arquipélago, a Ilha Estrôncio foi a que mais me despertou interesse, com clima semiárido, diferente do tropical, predominante nas demais Ilhas desse Arquipélago. Também só há um período chuvoso e um seco. Ocorre uma irregularidade na distribuição, quantidade e intensidade das chuvas. A vegetação é formada por uma espécie vegetal capaz de suportar meses sem água: são as xerófilas ou vegetação de caatinga, como é mais conhecida. Ao percorrer essa Ilha, tive uma surpresa: quase não há solo; há bastante cascalho, rochas afloram, de quando em quando, serras surgem como oásis no deserto, o verde aparece e desaparece; parece mágica, pois todos os seres buscam água e, quando a encontram, a vida ressurgem.

Foi nessa busca por água que encontramos a equipe de geólogos liderada pelo Dr. Ipê Sapão que efetuava trabalho de perfuração de poços. A água encontrada é utilizada no abastecimento das comunidades, contribuindo para sanar danos causados pela estiagem e migração.

Deixei o pensamento fluir e comecei a lembrar da Ilha Lantânio, a única que fica no

Equador, e é exatamente o oposto da Ilha Estrôncio. Também só duas estações do ano são percebidas. A estação chuvosa é muito intensa, grandes rios e igarapés formam uma extensa rede hidrográfica. A floresta domina grande parte das terras. São áreas ainda pouco conhecidas; há uma preocupação da população com a retirada da madeira. Queimadas são efetuadas constantemente; no período seco essa prática provoca grandes incêndios, extensa áreas são devastadas, há uma perda significativa da flora e da fauna em grande parte desconhecida.

Um grande lutador na defesa desse meio natural foi o Dr. Mogno Macacão, que tem dedicado grande parte de seus estudos e de suas pesquisas no reconhecimento, cadastramento e mapeamento das diversas paisagens que formam essa área.

Esse Arquipélago, assim como o nosso, tem sete ilhas. Além das já citadas, há a bela Mesotório, sede cultural do Arquipélago. É nessa Ilha que se concentram as grandes Universidades, o Centro de Pesquisas e todas as atividades ligadas à Arte. Seus Parques são verdadeiros colírios para os olhos e para alma. É um verdadeiro Paraíso. Seu fundador foi o Dr. Cerejeira Tartarugão, que deixou seu legado nos quatros cantos dessa terra.

A Ilha Rubídio é toda lúdica e parte da sua água é medicinal. Entre as rochas afloram águas medicinais que formam verdadeiras piscinas naturais: cachoeiras, córregos, lagos, lagoas e praias tornam essa divina Ilha um paraíso aquático. Como não poderia deixar de ser, nessa Ilha mística concentram-se muitas religiões, credos e filosofias de vida. Há toda uma atmosfera do sagrado. Toda essa magia foi introduzida pelo Senhor Jatobá Golfinho, que identificou nessa natureza uma força superior concentrada em tanta beleza.

O Leste, na Ilha Rubídio está a Ilha Potássio, com grandes rochedos cortados por vales, sempre muito verdes; lá se concentra o núcleo de pesquisa agrícola, onde são desenvolvidos estudos de plantas medicinais dos Trópicos. O fundador da Ilha foi o naturalista Cedro Escaravelho, pioneiro no levantamento da flora tropical no Arquipélago.

Ao Sul da Ilha Potássio se encontra a Ilha Neodímio, que é o Centro Administrativo; seu administrador é o Senhor Jacarandá Vação, arquiteto respeitado que tem efetuado excelente gestão. Seu baluarte político está nas campanhas educativas, cujo propósito é reduzir os custos municipais com a limpeza urbana, a coleta de lixo, a conservação do patrimônio público, dos parques, das escolas, dos bens de utilidade pública, de que todos são responsáveis pela manutenção e conservação na Ilha. Com a redução dos custos, as verbas foram direcionadas para outros fins: para a recuperação da cidade, para a melhoria do ensino e dos transportes, e para a

saúde pública. Essas medidas foram aprovadas por todos os cidadãos.

E ao visitarmos a Ilha, não encontramos mais as ruas sujas, ou lixos em terrenos baldios, nem prédios públicos pichados ou deteriorados, nem mesmo escolas em péssimo estado de conservação, ou praças sem árvores e flores, ou água correndo a céu aberto. Toda a população passou a ter consciência de que todo esse patrimônio lhe pertence e que os recursos gastos sempre na mesma coisa é desperdício. Para tanto, todos são responsáveis pelo bem-estar e pela higienização da Cidade.

Essas medidas tiveram um retorno imediato, uma redução de doenças transmitidas por mosquitos, ratos e baratas, bem como uma conscientização dos direitos e deveres de todos com sua Cidade ou comunidade.

A Oeste da Ilha Neodímio está a Ilha Rutilo, Centro Industrial e Comercial do Arquipélago. Como centro financeiro, aí convergem recursos que são aplicados em grande parte em pesquisas científicas, direcionadas ao aperfeiçoamento tecnológico e ao conhecimento adquirido pelas sociedades de nossa época. O fundador da Ilha foi o engenheiro Peroba Jaguatirica, armador e construtor do primeiro estaleiro. Sua empresa náutica foi uma das mais bem sucedidas no transporte mercantil.

E ao fazer essa viagem astral fiquei a imaginar sobre o conhecimento, a grande curiosidade que tenho em desvendar o que está escrito nas linhas da natureza. Por onde se olhar há uma infinidade de conhecimento que não conseguimos entender ou captar; somos limitados, pois nossos sentidos não desenvolveram percepções capazes de entender o que os sons, o olfato e a intuição nos informam. Nossa parte racional muitas vezes se nega a processar essa mensagem. Ficar atento a essa forma de informação nos permitirá entender o conhecimento que se encontra em toda parte.

IV Parte: Tudo é Grande. Tudo é Pequeno. Depende da Visão de Ótica.

A noite chega e é hora de ir para casa. Que engraçado! Não senti o tempo passar; parecia que tudo estava inerte. Quando penso nisso, fico maravilhada, meu corpo físico estava parado, mas todos os meus órgãos continuaram trabalhando. Cada um tem o seu próprio ritmo, mas tudo funciona num conjunto. Tudo na natureza funciona do mesmo jeito. Há uns que funcionam rápidos, e outros, imperceptíveis. É como o movimento da terra em torno dela mesma, com a

sucessão de dias e noites. Da terra em relação ao sol, que ao completar uma volta, é determinada a passagem de um Ano. Mas ninguém percebe que ambos estão girando. Dia e noite se intercalam. Enquanto aqui, a Oeste, está anoitecendo, nos países que estão bem a Leste, o dia está se iniciando ou já avança. Tudo funciona num fluxo de energia, luz ou vida. Noite, escuridão e morte. Nesse ciclo, as transformações são constantes. Vida e morte num ciclo ininterrupto.

E, ao pensar nisso tudo, tomo consciência de que o conhecimento é infinito. Por mais que o busquemos, sempre estamos distantes de compreender até como se iniciou o percurso de uma simples fagulha. Mas cabe a nós, mesmo que pareça impossível, buscá-lo, pois a ignorância é uma das maiores pobreza dos seres pensantes.

Buscar, observar, perceber e pesquisar deve constituir nosso lema. Durante nosso curto período de vida, cabe a nós procurarmos compreender o que nos rodeia. É uma busca que faz bem ao espírito, nos engrandece, nos torna integrantes deste universo complexo.

Outra coisa que me intriga é nossa percepção em relação à paisagem. Ao avistar as montanhas ao longe, vejo o conjunto, tudo num bloco e, apesar de sua dimensão, não me parece tão grande assim. Ao me aproximar, vou perdendo a visão do conjunto, passo a perceber apenas aquela de que me aproximei e tudo se torna gigantesco. Essa relação do perto e do longe me preocupa quando tenho que efetuar um esboço da Ilha para algum turista se situar. Pensando nesses fatos, sigo em busca da professora Dolomita Siamês, para que ela possa me ajudar.

Segundo a professora, a relação entre longe e perto está relacionada com a escala de visualização. Quando queremos passar para um papel o que estamos percebendo, necessitamos utilizar outro tipo de linguagem. Para que se possa identificá-lo, recorreremos à parte lateral direita do mapa, onde iremos decifrar seu significado. Para tanto, recorreremos à legenda e às convenções, assim como à escala.

Se me encontro distante de uma paisagem, vejo-a como um todo, mas não consigo distinguir detalhes. Se me encontro perto, não dá para visualizar o conjunto, mas percebo os detalhes de uma área limitada. Essa relação se torna concreta, quando podemos observar uma paisagem de um local elevado. Toda essa relação se materializa no Mapa.

Observe o Mapa de nossa Ilha, ele não pode conter as informações como é na realidade. O que se faz é uma relação. A relação se dá ao lermos o Mapa e identificarmos a Escala que determina quantas partes estão contidas numa unidade. Assim, por exemplo, quando lemos nesta Escala numérica, 1:100.000, quer dizer que um centímetro no Mapa contém informações de 1 km

de área. Logo, não podemos jamais ter no papel informações correspondentes a 1 km, e, sim, aquelas que se sobressaem em um centímetro. Veja aqui no Mapa, o que se pode representar em um centímetro é esse trecho da via de acesso e do riacho. Nada mais pode ser colocado.

Assim, caso queiramos representar uma sala de aula, deve-se medir com uma régua, trena ou cordão, sua largura e o seu comprimento. Em seguida, determinar quantos centímetros você quer que corresponda à unidade, ou seja, um centímetro. Se, por exemplo, você determinar que para cada centímetro corresponda a 1 metro e se sua sala mediu 6 metros de comprimento por quatro de largura. Então você traçará um retângulo quatro por seis centímetros. E todos os demais objetos contidos na sala deverão ter a mesma proporção. Quanto maior for a área a ser representada, menos informações você poderá representar. Quanto menor for essa área, mais informações deverão ser representadas.

É por essa razão que, no Mapa da Ilha, você visualiza os rios, lagos e as lagoas, as vias de acesso, as localidades, o relevo, tudo em geral, mas não fornece informação da propriedade de seu pai, uma vez que esse nível de detalhe não pode ser representado nessa escala. Caso queira representá-la, teríamos que fazer um mapeamento só da propriedade; aí sim, seria possível localizar a casa, os chiqueiros, a lavoura o pomar e outros detalhes, pois quanto menor for a área, mais informações será possível representar. É o caso de se representar a Escola. Faça um teste com seus alunos, tente representar a Escola e em seguida a Comunidade e tire suas conclusões.

Mas quero lhe fazer um alerta: mapear não é tão simples assim, estamos falando apenas em parte do que se deve compreender quanto à leitura de um Mapa e à elaboração de uma Planta.

Resultados e Discussão

O processo de desenvolvimento da metodologia constituiu em dividir a turma em grupos. Após a leitura abre-se a discussão entre os seus componentes, que ao final devem atrair do texto quais os conhecimentos geográficos abordados. Após a identificação, o grupo vai criar uma nova história, com base na sua realidade; a história será socializada através da montagem de painéis, plantas, mapas, representação, maquetes, entre outras formas de apresentação, conceito e concepção trabalhados de maneira consciente e não como algo vago. No final, toda a turma ficou a par da história e das diferentes maneiras de explorar conhecimentos geográficos com envolvimento de todos e muita praticidade.

Considerações Finais

A proposta metodológica de contar histórica geográfica foi testada em Curso de Formação de Professores no Estado do Rio Grande do Norte e Ceará. Por meio das histórias trabalhadas nos temas, as concepções e os conceitos geográficos passaram a ser mais bem entendidos, possibilitando ao professor dinamizar a aula, envolvendo todos na criação de história em sua apresentação. A compreensão dos conteúdos abordados nas temáticas propiciou aos alunos-docentes a oportunidade de interligar a sua vivência cultural e social à paisagem em que se desenrolam os fatos ligados à natureza, e a sociedade bem próxima à sua realidade. O aluno vê que o conhecimento geográfico está em seu cotidiano e não distante, incompreensível, de difícil assimilação. A utilização de histórias temáticas geográficas mostrou-se eficiente no processo de aprendizagem dessa disciplina, pois possibilitou a todos a oportunidade de brincar-aprender, se desprendendo de aula repetitivas e monótonas.

Referências Bibliográficas

- ABRAMOVICH, Fanny. *Gostosuras e Bobices*. Literatura Infantil: SP; Scipione, 1994 4ª edição.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fada*. A psicanálise dos contos de fada. 16ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- OTTE, Monica Weingärtner; KOVÁCS, Anamaria. *A magia de Contar Histórias*. Instituto Catarinense de Pós-/Graduação. WWW.icpg.com.br